

## **FONTE ORAL E A FORMAÇÃO DO GRADUANDO EM HISTÓRIA**

Ivaneide Barbosa Ulisses<sup>i</sup>

FAFIDAM/UECE

ivaulisses@yahoo.com.br

1

Ao chegar à FAFIDAM (2006), chamou-me atenção o currículo do curso de História ser centrado na produção da pesquisa como elemento aliado na formação do discente em plena aliança ensino-pesquisa através da realização da monografia de término de curso, mas ao mesmo tempo a ausência de sistematizações no que concerne as fontes de pesquisa histórica.

O aluno, salvo aqueles com temáticas próximas a estudos dos professores ou ligados ao Programa de Tutorial (PET), acabam perdidos em meio do como fazer e com que fazer. Em busca de contribuir para sanar esta ausência e ao mesmo tempo utilizar a experiência adquirida com a pesquisa de mestrado<sup>ii</sup>, venho privilegiando a fonte oral enquanto documento primordial para pesquisa histórica.

Assim, procuramos atender a três desejos básicos: primeiro, uma formação dos graduandos, pautada no convívio sistemático com as fontes primárias, somada às análises de textos historiográficos, pois a fonte é elemento primordial no trabalho do profissional em história.

A afirmativa a seguir de Paulo Knauss encontra-se dentro da nossa perspectiva de atendermos o segundo desejo: aliança entre prática e teoria no ensino da disciplina de História, ou seja, que leve o trabalho em sala de aula para associação entre conteúdos e metodologias adotadas pela disciplina histórica.

“... a história não significa abordar o passado como dado, mas sim, como discurso interpretativo logicamente constituído próprio da ciência, não são os dados apresentados a respeito do universo e da história, mas sim, formas de ler e interpretar os fatos e abordar os objetos de conhecimento.”

Dessa maneira tentamos fazer com que o discente, quando professor, escape do cotidiano reclamado ainda nas escolas de educação básica onde a história vincula-se apenas aos fatos e não “à sua natureza teórica metodológica” como muito

bem vêm nos chamando atenção os reclamantes que fazem o dia a dia das escolas, mas também diversos pesquisadores do ensino.

O nosso terceiro desejo deve decorrer do amadurecimento no caminhar inicialmente explicitado no presente texto de em um futuro próximo podermos formar um laboratório de oralidade com organização de um arquivo de depoimentos colhidos entre pessoas representativas de diferentes áreas do cotidiano em que os alunos da FAFIDAM<sup>iii</sup> estão inseridos. Oportunizando os discentes tanto a prática com a fonte oral para suas produções monográficas e outras atividades de aulas, mas também levá-los a valoração do seu entorno, de práticas cotidianas como portadoras de elementos passíveis de serem historicizados.

## 2

Para o presente encontro um dos primeiros exercícios de sistematização de coleta e análise de depoimento em andamento, são referentes às falas do Sr. José Arivaldo Liberato Dias, dono da mais antiga tipografia em funcionamento da cidade de Limoeiro (sede da faculdade), no centro da Cidade, “Tipografia São José”, presente na cidade desde a década de 1970.

As falas do Sr. José de imediato nos envolvem em duas questões teórico-metodológicas: a discussão da oralidade e suas técnicas de coleta, tratamento e como estamos a coletar várias entrevistas com o Sr. José temos debatido também acerca da trajetória de indivíduos e a sua relação com a construção do discurso historiográfico.

Quanto à oralidade ela diretamente liga-se à metodologia de pesquisa – História oral – que é considerada dentro das perspectivas contemporâneas da área como técnica, mas é igualmente objeto de pesquisa. Portanto, permeiam as pesquisas relações tais como: pesquisador, mediador e entrevistados; entrevistas e performance; transposição do texto oral para o escrito; formação do acervo; construção das problemáticas na produção historiográfica. Pois, os entrevistados trazem para os discentes a oportunidade de análises das construções interpretativas a respeito da realidade de cada indivíduo.

Com o exercício já podemos perceber que a problemática do relato de vida de um sujeito histórico, a segunda questão que aparece na sistematização das falas de Seu José, pode colaborar no conhecimento acerca das comunidades locais, assim

como no treinamento teórico-metodológico dos graduandos, com um dos objetivos propostos:

“sistematizar em forma de texto trajetórias de vida (biografias ou autobiografias) de pessoas ligadas a diferentes esferas do cotidiano ou/e temáticas.”

Portanto, estamos realizando um exercício de produção documental que envolve a problemática do relato de vida de um sujeito histórico, e ao mesmo tempo, uma possível construção de um acervo de entrevistas com profissionais ligados às tipografias da região.

Seria então outra questão teórico-metodológica neste caso, articulada a averiguação em torno dos conceitos chaves: memória, fonte oral, trajetória e história. No célebre artigo de Gionanni Levi (1996; p168) sobre biografia ele diz:

...a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas de escala de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas.

Pensa-se que ao lidar com a formação de um acervo de História Oral, tendo como etapa inicial o relato de vida de alguém a partir da principal fonte que é oral, estamos certamente dentro das questões refletidas acima por Levi.

Talvez em um espetáculo superlativo que o próprio pesquisador italiano nos diz, pois seja em relação à abordagem, à fonte (entrevistas), aos domínios (biografia) ou a escala de análise (micro-história), todos os aspectos trazem questões teórico-metodológicos de igual dimensão analítica de constante presença nas discussões das novas tendências historiográficas que o autor nos chama atenção.

3

Após a narrativa do processo de construção da idéia da pesquisa, nada melhor do que tentar apresentar parte do percurso do Sr. José a partir das falas do mesmo. Sabemos que ele é o mais antigo dono de uma tipografia em funcionamento na cidade de Limoeiro, mas na cidade havia antes dele a tipografia ligada ao Liceu de

---

ofícios, que devido a um incêndio nos anos 80, parou de funcionar. Pareceu-me que o incêndio marcou a ascensão do empreendimento do senhor José, mas estamos buscando documentos acerca do Liceu e também do incêndio.

Com a riqueza da história de vida do Sr. José Arivaldo em relação à atividade em tipografia/gráfica conseguimos em entrevistas exploratórias levantamento de nomes de tipografias e de seus donos, assim como de funcionários que extrapolam o município onde fica a Tipografia São José, pois na narrativa de Seu José o rico ambiente de trabalho do tipógrafo forma imagens na cabeça daqueles que escutam.

Aparecem ainda na narrativa de Seu José nomes de cidades fora da região do Vale do Jaguaribe, como da capital-Fortaleza- essa surge com certa nostalgia de um tempo em que ele não era evangélico, quando bebia, cantava e tocava em festas junto com amigos, após o trabalho e nos finais de semana. Chegara a sonhar em ser músico profissional, mas o dinheiro era pouco, então resolveu investir na carreira de tipógrafo, mas também Fortaleza aparece como o primeiro espaço de exercer a função profissional ainda no final da adolescência na metade da década de 60.

Os nomes, datas, situações expostas pelo depoente nos cabe associar com situações locais e gerais, através de perguntas e respostas tenta-se montar o mosaico da vida dele e ao mesmo tempo a situação em diferentes décadas do trabalho em tipografias e gráficas na região.

Observando a tipografia/gráfica de Seu José hoje, ela sobrevive mesclando modos de fazer do início da sua fundação e técnicas atuais, ou seja, realizando as atividades associadas às técnicas tipográficas e de informática nos afazeres da gráfica de maquinário misto (época da tipografia e atuais gráficas) e portanto, técnicas mistas na produção das chamadas infográficas.

Seu José tem uma trajetória de vida semelhante a milhares de pessoas de origem pobre que se movem dentro das forças do vento, ou seja, das conjunturas políticas e sociais, ou para alguns pela existência da sorte (ou não). Filho de sapateiro, nascido em Sobral (Ceará), logo aos 11 anos teve que sair de casa para não dar mais despesas, em razão do pedido dos pais conseguiu uma vaga no seminário de Recife através da influência do padre local.

Quando eu fui pra o seminário tinha que escolher uma profissão... Quando cheguei no seminário, lá era escola Salesiano Dom Bosco, lá formava padre. Você era menino pobre. Você tinha que trabalhar, arcar com suas despesas, se você fosse rico você não trabalhava... Vivia só de mordomia. Como eu era pobre filho de um sapateiro... Eu tinha que trabalhar, ralar ... Eu tinha direito de escolher uma profissão, estourando duas...Eu já era sapateiro continuei sapateiro pra trabalhar de graça para os padres...arrumar a sola dos sapatos dos padres, engraxar os sapatos dos padres... Não era mais profissão pra mim, porque eu já tinha... Aí aprendi esse ramo que é esse que eu vivo , graças a Deus, que é tipografia. (abril/2008)

Com 17 anos o Sr. José chega à Fortaleza, depois de estar no seminário em Recife, onde aprendeu a profissão de tipógrafo, especificamente, “chapista”. Após realizar serviços como desenhista de letreiros consegue ir trabalhar na Tipografia de um senhor chamado Aragão, na Rua Senador Pompeu com Pedro I(centro de Fortaleza).

Sr. José descreve como foi recebido pelo Sr. Aragão na tipografia. Na ocasião ele deixava uma placa (letreiro) para o dono da tipografia e foi surpreendido por este, enquanto estava parado, encantado olhando e ouvindo as máquinas que tão bem conheceu no seminário.

Peguei aquela placa pesada na cabeça e fui deixar. A pé meu fio!(olha para filho dele que está ao nosso lado durante a entrevista) A pé! Longe! Lá do Otávio Bonfim a pé com a placa na cabeça. Aí fui deixar, quando eu cheguei lá eu olhei pelo vidro as maquinazinhas lá do seminário, trac, trac, trac, trac... Daquele tipo ali (aponta para uma máquina próxima da gente), metendo a mão. Isso aí em 66 mais ou menos... Aí o seu Aragão muito educado, um velhinho muito bacana, disse: - Diga meu bichinho! Aí eu disse: - Seu Aragão eu vim deixar essa placa que o Seu Omar mandou deixar. Ele disse: - Bote aí que eu vou já. Aí disse: - Eu posso entrar pra olhar as máquinas? Ele disse: - Pode. (2009-janeiro).

Logo após o evento descrito por Seu José, o mesmo começa a trabalhar como “chapista” na tipografia de seu Aragão e aos poucos vai se qualificando na prática em diferentes setores do trabalho.

Ao ser perguntado como veio para Limoeiro, Seu José disse que foi por causa de uma moça da cidade e solta uma grande risada, assim como seu filho que continua ao lado. Seu José chegou a Limoeiro por volta dos 25 anos e apesar de dizer que veio por uma mulher, chega à cidade já casado com aquela que seria a sua primeira esposa, ele casou-se, segundo ele, seis vezes, entre as esposas encontra-se a limoeirense

que o fez vir para o município, ela foi a sua segunda mulher, ele tem nove filhos resultados de todos os seus relacionamentos.

Vêm as perguntas célebres, ou seja, presentes na maioria dos artigos sobre biografia/trajetórias de vida na pesquisa histórica ou mesmo nas ciências sociais como um todo: “como estabelecer relações do indivíduo com a sociedade?” Como fugir da determinação do meio narrando a vida do outro com um início, meio e fim tão coerente quanto irreal?

Vavy Pacheco (2006) diz que na opinião dela a melhor biografia é aquela que mergulha na alma do biografado, isso ocorre através das fontes documentais, boa parte dela naquilo que denomina de “escrita de si” ou de “produções de si”.

Penso que a escolha do Sr. Arivaldo como sujeito da investigação inicial passa ainda por outra questão teórico-metodológica relacionada à fonte principal, que são as falas dele sobre si mesmo, mas se não estivesse interessada na trajetória de vida dele propriamente dita, mas em uma temática qualquer, atravessaria igualmente tal questão, pois estaria o narrador apresentando as suas perspectivas em relação ao tema, logo, a de se conviver também, com tal questão.

O que seria no caso de seu Arivaldo as suas produções? As suas escritas sobre si mesmo? Na primeira visita à infográfica ficou claro e foi feita a ligação das “escritas/produções de si” da qual Vavy Pacheco chamou atenção, o modo como ele apresentava a gráfica/tipografia à visitante:

Esse aqui chama-se tipo. Tudo isso aqui são linhas... E você veja a perfeição. Isso aqui tem o seu valor. E não tem quem me faça dar fim nisso... Mas eu tenho coisa mais bonita pra você ver, feito no “compunidor”. (abril,2008)

O espaço da gráfica/tipografia São José com os objetos presentes nela é a escrita/produção do Seu José Arivaldo, vejam como ele continua a apresentação do lugar e ao mesmo tempo contando a sua trajetória:

Olha diferença de um negócio desse na mão! Olha as propagandas... Esse na mão... O tamanho da minha letra na mão... Mas, sempre fui artista. Todo manual desenhado pro mim. O desenho é meu. Sou desenhista. Estudei no seminário pra ser padre. Estudei no colégio Belas Artes... (abril, 2008).

...eu tenho é coisa que você olha o dia todinho e não entende... A minha mulher diz ninguém, que ninguém mexe, mas não é pra ninguém mexer não! (abril, 2008)

Quando não entendi o que era um “compunidor”, ele trouxe o objeto que era na verdade onde se organizava os tipos (letras) para compor o texto, ao mesmo tempo, comparava o seu trabalho com outros trabalhos de que tinha conhecimento e me dava informações novas.

Compunidor! Você me fala o tamanho (*ele se refere ao texto que o cliente quer*). O primeiro passo vem aqui... Mede, abre aqui... O cabra precisa ter muita é força (*riso*)... Puxa isso pra cá... Faz a letrinha de acordo com isso aqui... Olha um cartaz feito à mão... Esse aqui é desenho meu... 1974 quando eu cheguei aqui ninguém sabia o que era um cartaz... Vou fazer um cartaz pra vocês... Agora eu sou assim, mostro o meu trabalho e dos outros pra esculhambar... (*mostra trabalhos da década de 70*) Liceu de Artes de Ofício... Aqui santo de Morada Nova (*outro município da região*)... Eu batia a foto... Colocava a impressão azul...

Antes de iniciarmos a primeira conversa, fui levada por Ary, um dos filhos do Seu José Arivaldo que tem o mesmo nome do pai, para dentro da gráfica/typografia. Era uma sexta-feira final da tarde e ainda tinham naquele momento três funcionários no local realizando tarefas e também aguardando o pagamento semanal realizado naquele dia da semana, tanto que tivemos que interromper a conversa e marcarmos outro dia para continuação da palestra para não apressarmos os trabalhadores.

No recinto da tipografia Ary foi mostrando e falando sobre objetos, usos e funções, chegando a fazer funcionar algumas máquinas, enquanto eu as fotografava.

Naquele momento, com Ary no espaço da gráfica-tipografia, pensei que uma das questões postas para o historiador que tenha como principal fonte de análise as entrevistas e/ou oralidade é o papel do mediador. Lembrei da época em que trabalhei com Brincantes de Caretas e como foi necessário chegar aos entrevistados através de alguém da comunidade antes de iniciar a coleta de dados. O mesmo ocorria com Seu José Arivaldo naquele momento, quando foi o Ary, filho caçula do tipógrafo, o mediador do encontro. Penso que o próprio Sr. José Arivaldo fará mais a frente à função de mediar relações daqueles envolvidos nesta pesquisa e outros profissionais da área.

Ary é aluno do curso de História da FAFIDAM, onde em alguns momentos de aula e nos corredores da faculdade apresentou animadamente o assunto das máquinas ainda presentes na gráfica do pai, onde também trabalha. Fiquei já curiosa, mas só meses depois conversamos novamente e as idéias foram firmando em nossas cabeças.

Bem, como disse no início dessa escrita, o que temos são possibilidades iniciadas de trabalho que continua a acontecer e apenas mais a frente poderemos dizer mais sobre a temática, objetivos e questões levantadas na presente narrativa. Mas ao mesmo tempo pesquisa relacionadas às monografias e a fonte oral tem acontecido com diferentes temas propostos pelos alunos. O resultado tem sido bastante satisfatório em relação aos desejos propostos no início do texto.

Quanto ao Seu José, além de nos possibilitar certo mapeamento de nomes de trabalhadores e locais de atividades das tipografias na região do Vale do Jaguaribe, dando espaço a uma perspectiva de tornar este um tema passível de trazer conhecimento sobre determinado período cronológico e circunstancial local, leva a nós a reflexão sobre tal perspectiva dos fatos em relação com outras questões ligadas à conjuntura social, cultural e econômica mais ampla.

As falas de Seu José apresentam ainda a sua própria legitimação, enquanto narrador, como elemento de estudo e treinamento teórico-metodológico, pois ele tem muito das qualidades apontadas por pesquisadores como Walter Benjamin (1991), a exemplo: ao ouvir seu José nos esquecemos de nós mesmos e ficamos atentos a narrativa que se inicia sempre com as circunstâncias do fato narrado, além de ser cheio de conselhos a dar, principalmente do ponto de vista de nos tornarmos bons filhos de Deus. Seu José deixou de ser católico em 1997, quando se refere ao passado é pela ótica evangélica que nos conta o acontecido. Não deixa de rir das consideradas estripulias pretéritas, mas as coloca dentro de uma trajetória que o levou a ser o quem é hoje e de como isso lhe dá orgulho, daí sempre elogiar a si mesmo quanto a capacidade de aprendizagem, trabalho e empreendedorismo.

<sup>i</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará e docente do curso de História da Universidade Estadual do Ceará – FAFIDAM - (Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos) – Limoeiro do Norte-Ce.

<sup>ii</sup> “Festa e performance na Brincadeira dos Caretas no município de Jardim/Ceará.” (2004)

<sup>iii</sup> Os alunos da FAFIDAM/UECE são oriundos do Vale do Jaguaribe, região do Estado do Ceará, no qual destacamos os seguintes municípios: Limoeiro do Norte (sede da faculdade), Russas, Tabuleiros do Norte, Jaguaribara, Jaguaribe, Jaguaruana, São João, Alto santo e Morada Nova.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *História Oral: A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

\_\_\_\_\_. Ouvir e contar. Textos em História Oral. RJ: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Manual de História Oral. RJ: FGV, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da biografia. IN: PINSKY, C. Fontes Históricas. SP: Contexto, p203-90, 2006.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: *Cultura Brasileira: Temas e situações*. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática - Séries Fundamentos, 2002, p7-14.

BOSI, Ecléa. *História e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

FREITAS, Sônia Maria. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Imprensa Oficial & Humanitas/USP, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Schaffter, 2ª edição, São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª edição, Campinas: Editora Unicamp, 4ª edição, 1996.

LEVI, Giovanni. *Sobre micro-história*. IN: Burke, P(org). A Escrita da história. Novas perspectivas. SP:UNESP, 1991, p133-61.

MONTENEGRO, Antônio. *História Oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ª edição, São Paulo: Editora História e Contexto, 1994.

NEVES, Frederico. *As mil voltas de “Seu” Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar*. In: Trajetos, revista de História da UFC, Fortaleza, vol. 2, nº3m 2002.

PRINS, Gwyn. História oral. *A Escrita da História*. Novas perspectivas. 4ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 1991, p1199-236.

RIOS, Kênia Sousa. *O Teatro de seu Muriçoca: Memórias de uma farda*. IN: Trajetos: Revista de História -UFC. Fortaleza, Vol. 2, Nº 3, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Tradução Oliveira, 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VOLDMAN, Daniéle. *A invenção do depoimento*. In: *História Oral. Usos e abusos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p247-266.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a voz*. A Literatura Medieval. Tradução Pinheiro & Ferreira, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Performance, Recepção, Leitura*. Tradução Ferreira & Fenerich, São Paulo: Educ, 1990.